Resenha

KALDELLIS, Anthony. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019. 392p.

Guilherme Welte Bernardo [*]
Universidade Federal de São Paulo

● **Enviado em: 27/02/2019**
● **Aprovado em: 09/03/2020**

Anthony Kaldellis é um profícuo bizantinista estadunidense, autor de diversos trabalhos e traduções de fontes primárias. Professor e atualmente Presidente do Departamento de Clássicos da Ohio State University, Kaldellis tem estudado alguns assuntos que por vezes flutuam entre a Antiguidade clássica e o Medievo bizantino. Um de seus principais projetos nos últimos anos tem sido a reabilitação da dimensão romana do Império Oriental e seu significado político e identitário, o que já lhe rendeu, além de artigos e capítulos, ao menos quatro livros publicados.[1]

Kaldellis é um forte revisionista e o principal nome quando o assunto é identidade bizantina. Em 2007, o historiador publicou *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*,[2] cujo segundo capítulo em especial ("*The world a city": Romans of the East*) ofereceu uma crítica a maneira como os bizantinistas têm lidado ou não com a autoidentificação dos bizantinos enquanto romanos. Kaldellis contribuiu com argumentos sólidos e audaciosos para esse problema, questionando a ruptura artificial que fazemos entre um Império Romano que pertenceria exclusivamente a Antiguidade e um estranho e desconexo "Império Bizantino" pertencente ao Medievo. Esse capítulo também deu lugar a uma tese preliminar mais ousada: segundo Kaldellis, Bizâncio

[*] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (PPGH/Unifesp). Pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos Bizantinos e Conexões Mediterrânicas (NEB/Unifesp) e ao Laboratório de Estudos Medievais (Leme/Unifesp). Contato: g.welte@outlook.com

[1] Além dos que serão citados mais à frente, cf. KALDELIS, Anthony. *Ethnography after Antiquity*: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2013; KALDELIS, Anthony, *Byzantine Republic*: People and Power in New Rome. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015.

[2] KALDELIS, Anthony, *Hellenism in Byzantium:* The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

deve ser entendido como um estado-nação (ou pelo menos como algo parecido com isso[3]) onde a *romanitas* oriental medieval funcionava como uma identidade nacional. Desde a Antiguidade, Roma teria criado os meios que possibilitaram o estabelecimento de um consenso sobre si como uma comunidade política normativa, o que limitou gradualmente a necessidade de se manter identidades paralelas conflitantes; além disso, pouco antes do final da Antiguidade Tardia, Bizâncio perdeu áreas menos romanizadas, o que teria tornado seu território central mais coeso culturalmente em termos de, por exemplo, religião, língua, costumes, direito e aparato do estado.[4] Certamente, o debate sobre a existência de nações pré-modernas é um assunto complexo e de praticamente impossível consenso entre estudiosos, e não teremos espaço aqui para discutirmos argumentos prós e contra das diferentes escolas de pensamento sobre nações e nacionalismo ou como Kaldellis se localiza nisso.[5] No entanto, tenhamos em mente que o autor se colocou de alguma forma entre os críticos da chamada escola modernista, que enxerga nações como fenômenos exclusivamente modernos. Dentro dos Estudos Bizantinos, sua proposta gerou um importante debate que o colocou no centro da discussão sobre a natureza da identidade bizantina.[6]

Este não é o espaço para tratarmos a fundo sobre essa obra anterior, mas devido a sua importância, não poderíamos deixar de fazer uma pequena menção a essa questão, que seu novo livro *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium* retoma, mas agora com algumas modificações conceituais. Adotando anteriormente o modelo de *nação cívica* e sendo um crítico de que a identidade bizantina seria de caráter *étnico*, Kaldellis agora aceita usar o termo e incorpora uma forma de etnicidade dentro de seu arcabouço argumentativo.[7] Nesse novo trabalho, o historiador está preocupado em demonstrar, em primeiro lugar, como os

3 KALDELIS, Anthony. From Rome to New Rome, from Empire to Nation-State: Reopening the Question of Byzantium's Roman Identity. In: GRIG, Lucy; KELLY, Gavin. (Ed.). *Two Romes*: Rome and Constantinople in Late Antiquity. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 394.

4 KALDELIS, Anthony, *Hellenism in Byzantium:* The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 48-49, 77-78.

5 Uma interessante introdução a essa questão, reunindo argumentos de especialistas de diferentes correntes pode ser encontrada em ICHIJO, Atsuko; UZELAC, Gordana (Ed.). *When is the Nation?* Towards an Understanding of Theories of Nationalism. Abindgon: Routledge, 2005. Uma recente defesa das nações pré-modernas pode ser encontrada em GAT, Azar. *Nations*: The Long History and Deep Roots of Political Ethnicity and Nationalism. Cambridge: Cambridge University Press, 2013 (a tese de Kaldellis é aparentemente desconhecida pelo autor). Cf. também o interessante debate em HUTCHINSON, John et al. Debate on Azar Gat's Nations: The Long History and Deep Roots of Political Ethnicity and Nationalism. In: *Nations and Nationalism*, Oxford, v. 21, n. 3, p. 383-402, 2015.

6 A lista é relativamente longa, mas cf. especialmente STOURAITIS, Ioannis. Roman identity in Byzantium: a critical approach. In: *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin/Boston, v. 107, n. 1, p. 175-220, 2014. Cf. a nota 7 e o segundo capítulo de *Romanland* para uma resposta direta a Stouraitis, assim como a nota 10 para a proposta étnica de Gill Page.

7 O primeiro passo nessa virada ocorre em KALDELIS, Anthony. The Social Scope of Roman Identity in Byzantium: An Evidence-Based Approach. In: *Byzantina Symmeikta*, Athens, v. 27, p. 173-210, 2017.

romanos orientais se identificavam por meio do que poderíamos chamar de etnicidade, o que o leva à discussão sobre etnogênese e o processo de assimilação de estrangeiros; e, em segundo lugar, se Bizâncio pode – e, se sim, de que forma – ser classificado como um *império* em dois recortes do período intermediário (c. 927 e c. 1064). De modo geral, embora o autor por vezes recue ou avance temporalmente na construção de seus argumentos, sua proposta central gira propriamente em torno do período intermediário.

A obra conta com um prefácio que inicia a discussão sobre *império* e *etnicidade*. Kaldellis também aproveita para explicar o motivo de continuar usando os termos Bizâncio/bizantino ainda que acredite que eles obliterem nosso entendimento, o que merece nossa atenção. Segundo o autor, se tivermos uma melhor compreensão do que reside por trás desses termos artificiais, podemos nos conformar em seguir o uso tradicional e utilizá-los externamente nos títulos dos trabalhos, enquanto internamente podemos ter maior liberdade para nos referirmos aos indivíduos como romanos.[8]

No capítulo que abre a primeira parte do livro, intitulada *Romans*, Kaldellis procura traçar as origens e contornos da negação da identidade dos romanos orientais. Seu título é bastante ilustrativo: *A History of Denial*. Localizando sua origem nas contendas medievais em finais do século VIII, o autor avança até produções recentes, alavancando os argumentos usados e os dilemas criados. Ao fim, Kaldellis expõe um quadro geral das opiniões que ele considera "fora da câmara de eco" do negacionismo da identidade romana medieval dentro (e fora) dos Estudos Bizantinos.

O segundo capítulo, *Roman Ethnicity*, é um ataque direto à forma como a etnicidade é ou não é trabalhada no campo dos Estudos Bizantinos. Para Kaldellis, os bizantinistas não adentraram o campo dos estudos de identidade pós-segunda Guerra Mundial e continuam frequentemente repetindo concepções raciais desatualizadas sobre os povos que habitavam o Império. O capítulo também reabre a questão se a identidade romana estaria resumida ou não a uma pequena elite letrada constantinopolitana e oferece uma resposta às críticas que o autor havia recebido anteriormente.

O terceiro capítulo, *Romanland*, continua a discussão do capítulo anterior, mas agora se foca em três desses marcadores étnicos: pátria (*homeland*), língua e religião. Aqui, o autor defende a origem vernacular dos termos *Romanía* (Terra dos Romanos, România), usado para

[8] Como exemplo, cf. KALDELIS, Anthony, *Streams of Gold, Rivers of Blood*: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade. Oxford: Oxford University Press, 2017. Outros autores tem seguido uma abordagem similar, como por exemplo NEVILLE, Leonora. *Heroes and Romans in Twelfth-Century Byzantium*: The Material for History of Nikephoros Bryennios. Cambridge: Cambridge University Press, 2012; KRALLIS, Dimitris. *Serving Byzantium's Emperors*: The Courtly Life and Career of Michael Attaleiates. New York: Palgrave Macmillan, 2019.

falar de um território, jurisdição e estado dos romanos, e *romaïka* (língua romana, romaica), usado para chamar a língua grega pelo menos desde o século XI, senão antes, até o início do século XIX. O autor também trata sobre sentimentos "patrióticos" direcionados a esse território e as relações entre essa identidade e a religião dominante. Por fim, preparando terreno para o próximo capítulo, é oferecido um panorama geral sobre como os bizantinos viam o processo de romanogênese ocorrido na Antiguidade.

Abrindo a segunda parte do livro, intitulada *Others*, o quarto capítulo, *Ethnic Assimilation,* apresenta os modos pelos quais os romanos orientais assimilavam outros povos e criavam a ficção de uma homogeneidade étnica. Kaldellis retoma seu argumento de que as fontes não dissimulam a diversidade étnica local, mas que elas reconhecem tanto as minorias quanto a maioria étnica. Ademais, Kaldellis afirma que os romanos orientais tinham conhecimento de suas origens diversas, embora isso não fosse na maioria dos casos algo "importante". Por vezes, no entanto, uma ancestralidade poderia ganhar alguma atenção em momentos de tensão étnica com outros povos.

O quinto capítulo, *The Armenian Fallacy*, busca desconstruir aquilo que o autor vê como uma perspectiva racialista dentro dos Estudos Bizantinos que atribui identidade armênia a qualquer pessoa com uma possível, ou por vezes imaginada, ancestralidade armênia, o que ele chama de "alucinação consensual em massa". Kaldellis não nega que armênios constituam o segundo maior grupo étnico em Bizâncio, mas que os historiadores tem falhado em distinguir *armênios* de *romanos com origem armênia*. Ao final, o autor oferece um comentário àqueles que, por conta principalmente de algum nacionalismo historiográfico, possam considerar seu capítulo como antiarmênio.

O sexto capítulo, *Was Byzantium and Empire in the Tenth Century?*, tem como objetivo problematizar as definições de "império" e se elas podem ser realmente aplicadas a Romanía. Trabalhando com o período em torno de 930 d.C, Kaldellis traça um mapa das minorias étnicas presentes no território bizantino e conclui que, embora sejam diversas, elas não constituíam um número significativo em comparação com a maioria (o mesmo argumento se estende sobre os habitantes de Constantinopla e o exército). Segundo o autor, com exceção à forma como administrava o sul da Itália, Bizâncio não se assemelha a um império nesse período, e a forma como a maioria e as minorias são governadas no território central o torna bastante similar a um estado nacional.

O sétimo e último capítulo, *The Apogee of Empire in the Eleventh Century*, Kaldellis aplica o mesmo questionamento em torno do ano de 1064, quando Bizâncio passa pela sua maior expansão territorial desde as conquistas do imperador Justiniano (527-565), anexando,

nos Balcãs, os territórios do Império Búlgaro e, ao leste, diversas porções de territórios armênios. Defendendo a tese de que o grupo étnico central continua sendo sua maioria étnica e que o império empregou práticas que envolvia incorporação sem assimilação, o autor conclui que a Romanía nesse período não *era um império*, mas sim que ela *possuía um império*. Como nota Kaldellis, terminologicamente algumas fontes fazem uma distinção entre a Romanía propriamente e a *arche* ou *hegemonia* dos romanos, isto é, entre o núcleo romano em si e o domínio exercido pelos romanos sobre outros povos.

Na conclusão, Kaldellis reafirma a pertinência das questões levantadas e afirma que seu objetivo nesse livro foi tornar difícil "não ver" aquilo que bizantinistas não conseguem ver. O final da segunda parte da conclusão reabre a questão sobre estados nacionais pré-modernos colocando algumas questões. O autor promete localizar a Romanía de modo mais preciso nesse debate em uma obra futura, que se focará nas instituições e governamentalidade. Kaldellis é otimista e vê uma lenta, mas crescente rejeição à perspectiva modernista (sejamos céticos ou não quanto a isso, é preciso reconhecer que há uma maior abertura a essas perspectivas nos últimos anos).[9]

Essa é uma obra verdadeiramente instigante e, por isso mesmo, algumas considerações são necessárias. Um ponto negativo de *Romanland* é que ela não dialoga satisfatoriamente com os trabalhos anteriores publicados por Kaldellis. Limitações editorais podem estar envolvidas nisso, mas a falta de um diálogo aprofundado, especialmente quando o autor assume mudanças teóricas importantes, deixou a obra com uma lacuna para aqueles que estão chegando na discussão por meio dela. Notemos também que embora o autor tenha certamente trabalhado melhor questões teóricas nesse trabalho (afinal, uma de suas críticas é justamente a falta de discussões sobre etnicidade no campo) faltou ainda uma apresentação teórica mais densa, detalhando como ele se apropria de determinados conceitos. Por exemplo, o aparecimento concomitante de termos como "grupo étnico", "nação" e "estado nacional" ao longo da obra pode deixar o leitor confuso. Uma discussão sobre como o autor se apropria desses conceitos poderia facilmente, pela complexidade do tema, ocupar um capítulo à parte. Também é importante observar que uma gama de textos de temporalidades diferentes é trabalhada principalmente nos quatro primeiros capítulos, o que provavelmente mereceria um cuidado redobrado com análises focadas em cada temporalidade. É evidente que o autor

[9] O que aparentemente podemos concluir de ROSHWALD, Aviel. Nations are (Occasionally) Forever: Alternatives to the Modernist Perspective. In: BERGER, Stefan; STORM, Eric (Ed.). *Writing the History of Nationalism*. London: Bloomsbury Academic, 2019. p. 83-103. Cf. também GROSBY, Steven. *Nationalism*: A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2005 (talvez um dos principais exemplos dessa abertura).

está oferecendo um panorama geral por meio de exemplos sintomáticos, mas esse é um caminho sempre perigoso. Embora essas questões não diminuam a relevância da obra e sua importância para o campo, acreditamos que esses pontos podem deixá-la relativamente vulnerável.

A despeito disso, *Romanland* possui muitos méritos. Entre eles, está o uso de fontes não bizantinas, especialmente árabes e judaicas, que complementam o argumento do autor. Embora as informações gerais presentes no primeiro capítulo não sejam exatamente uma novidade, Kaldellis as expõe de forma sistemática e didática, além de oferecer uma correção à história do uso do termo "bizantino", retirando a pesada culpa que cai sob os humanistas do século XVI e deslocando o problema aos historiadores do século XIX, que possivelmente empregaram o termo para frear as aspirações imperiais do estado grego moderno. O quinto capítulo, sobre os "armênios", apresenta uma importante convite à revisão historiográfica que precisará ser levada em consideração futuramente. Esse é um ótimo exemplo de como determinadas certezas no campo desmoronam facilmente quando expostas a perspectivas modernas sobre etnicidade. De modo geral, o livro atualiza algumas das propostas de Kaldellis e aprofunda pontos anteriormente trabalhados, abrindo novas possibilidades. Por fim, podemos dizer que *Romanland* reabilita de alguma forma a obra *Being Byzantine: Greek Identity Before the Ottomans* de Gill Page ao propor o estudo da romanidade oriental medieval por meio de marcadores étnicos.[10] Embora o trabalho de Page tenha seus próprios méritos, acreditamos ele foi de alguma forma ofuscado por *Hellenism in Byzantium* e a discussão que o seguiu. É possível que ele seja agora integrado de forma mais contundente ao debate.

Anthony Kaldellis é um importante nome quando o assunto é identidade romana em Bizâncio, e essa obra o coloca novamente na contemporaneidade da discussão. *Romanland* adiciona novos argumentos, demonstra renovação por parte do autor e foge mais uma vez dos clichês encontrados no campo, oferecendo uma interpretação radicalmente oposta ao que é geralmente ofertado. Acreditamos que os historiadores estarão mais abertos a olharem a identidade da Romanía pela perspectiva étnica, embora o aspecto nacional atrelado a tese do autor ainda precise receber outras reflexões e ter alguns pontos elucidados para manter sua relevância no debate, que provavelmente se inclinará agora de modo mais confiante à etnicidade. Kaldellis sem dúvidas terá muito trabalho pela frente.

[10] PAGE, Gill. *Being Byzantine*: Greek Identity Before the Ottomans. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.